

E.P.THOMPSON E ERIC HOBBSAWM: DIÁLOGO NA/DA HISTORIOGRAFIA MARXISTA DO SÉCULO XX.

Emeson Tavares da Silva¹

Resumo:

É inegável as concepções do marxismo para a história de uma grande parte dos intelectuais do século XX, aceito ou recusado revelou-se como uma das mais influentes teorias aplicadas à compreensão do mundo. O contexto político que se desenvolveram as gerações intelectuais que se seguiram ao próprio Marx foi fundamental para a sua disseminação como teoria social e até com ideologia. De tal maneira que muitos historiadores deixaram se atrair pelo marxismo em função de suas militâncias políticas e profissionais, é o caso do E.P.Thompson (1924-1997) e Eric Hobsbawm(1917-) com trajetórias marcadas pelo posicionamento político, engajaram-se na compreensão do presente desenvolvendo estudos históricos em paralelo com reflexões sobre a sociedade contemporânea.

Palavras-Chave: historiografia marxista, E.P.Thompson, Eric Hobsbawm

Introdução

Esse texto é resultado do processo de seleção pelo o qual eu me submeti ao Programa de Pós-Graduação de História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná-UNIOESTE, realizado em fevereiro do corrente ano, uma das temáticas da prova escrita tratava-se sobre a historiografia marxista no século XX, na referencia bibliografica sugerida pelo programa para a seleção, dentre outras, estavam as obras A Peculiaridade dos ingleses e Costumes em comum do E.P.Thompson e . Sobre história do Eric Hobsbawm a partir delas, então, esse artigo é desenvolvido.

O marxismo, aceito ou recusado, foi basilar para as concepções de história de uma grande parte dos intelectuais do século XX, revelando-se como uma das mais influentes teorias aplicada à compreensão do mundo. A dialética entre teoria e prática acompanhou sua trajetória desde o início e, como observou Perry Anderson, qualquer comentário acerca do marxismo será antes de tudo uma história política do seu ambiente externo (1984:17). O contexto político sob o qual se desenvolveram as gerações intelectuais que se seguiram ao próprio Marx foi fundamental para a sua disseminação como teoria social e até como ideologia. De tal maneira, também muitos historiadores deixaram-se atrair pelo marxismo em função de suas militâncias políticas e profissionais, compondo em suas reflexões verdadeiros contrapontos ideológicos, uma miríade de possibilidades para se interpretar a história.

Neste sentido, buscamos aqui abordar as principais ideias de dois dos mais influentes historiadores do século XX, Eric Hobsbawm (1917-) e E.P.Thompson (1924-1997), com intuito de

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná-UNIOESTE. Linha de Pesquisa: Trabalho e Movimentos Sociais. Bolsista CAPES

distinguir algumas vozes da polifonia crítica que envolveu o percurso das idéias marxistas entre os historiadores. Com trajetórias intelectuais marcadas pelo posicionamento político, tanto os comunista Hobsbawm quanto o E.P.Thompson engajaram-se na compreensão de seu “presente”, desenvolvendo estudos históricos em paralelo com reflexões sobre a sociedade contemporânea. Revelando, assim, posturas compartilhadas pela maioria dos intelectuais contemporâneos.

Eric Hobsbawm: Relendo o marxismo a partir de um método científico

Eminente estudioso da história mundial e de movimentos populares, Hobsbawm se tornou um dos principais representantes daquela que se conhece como a *historiografia marxista britânica*; não obstante sua inegável influência, seu trabalho não motivou a formação de escola, mas arrebanhou um amplo consenso. Filiando-se ao Partido Comunista ainda jovem, Hobsbawm não se absteve do “sonho da Revolução de Outubro”. Por conseqüência, adotou a concepção materialista da história desde os seus primeiros trabalhos.

Assim, encontramos ao longo da obra de Hobsbawm referências freqüentes e explícitas ao marxismo. Seus trabalhos sobre a ciência/disciplina histórica são bastante esclarecedores desses posicionamentos. Em *Sobre História* (1998) de Hobsbawm podemos encontrar a concepção do marxismo como “método para, ao mesmo tempo, interpretar e mudar o mundo”.

A primeira iniciativa, e talvez a mais sistematizada, de Hobsbawm para analisar a obra de Marx ocorreu em 1964, com sua famosa *Introdução* ao fragmento *Formações econômicas pré-capitalistas - FORMEN*. Nesse texto o historiador já começava a esboçar suas preferências no interior da obra de Marx, lembrando que um cuidadoso estudo de sua obra não implicaria a aceitação automática de suas conclusões. No texto em questão, o Marx maduro estaria tentando enfrentar o problema da evolução histórica, oferecendo o complemento indispensável do *Prefácio da Crítica da Economia Política*, “escrito logo após e que apresenta o materialismo histórico em sua forma mais rica” (Hobsbawm, 1991;14).

De acordo com Hobsbawm, nas *FORMEN* podemos encontrar um aprofundamento da questão do mecanismo geral de *todas* as transformações sociais, isto é:

a formação das relações sociais de produção que correspondem a um estágio definido de desenvolvimento das forças produtivas materiais; o desenvolvimento periódico de conflitos entre as forças produtivas e as relações de produção; ‘as épocas de revolução social’ em que as relações de produção se ajustam novamente ao nível das forças produtivas (HOBBSAWM,1991:15)

Ou seja, trata-se da base do método materialista de Marx, mas isto não significa, segundo o autor, que devemos aceitar a classificação de épocas históricas proposta por Marx, pois “a teoria geral do materialismo histórico requer apenas a existência de uma sucessão de modos de produção,

e não a existência de modos específicos, nem que haja uma ordem pré-determinada para esta sucessão” (1991:22). Mais adiante o historiador já aposta na superioridade do método marxista:

a partir do material histórico disponível, Marx distinguiu um certo número de formações econômico-sociais sucessivas. Mas, ainda que tivesse havido equívoco em suas observações, ou se estas fossem baseadas em informações parciais e por tanto enganadoras, a teoria geral do materialismo histórico não teria sido afetada (HOBSBAWM,1991:23).

A respeito da questão das classes sociais, Hobsbawm admitiu uma certa ambigüidade em Marx, concluindo que

uma classe, em sua acepção plena, só vem a existir no momento histórico em que as classes começam a adquirir consciência de si próprias como tal. Não é por acaso que o *locus classicus* da discussão de Marx sobre consciência de classe é uma obra de história contemporânea, tratando de anos, meses ou mesmo semanas e dias – a saber, a obra de gênio que é *O Dezoito Brumário de Luis Bonaparte* (HOBSBAWM,1987:35).

Nota-se que essa abordagem leva à combinação do Marx teórico com o das obras históricas, paralelo que também já tinha sido proposto por Gramsci, “para quem o materialismo histórico era essencialmente uma teoria da história”, pois o método de interpretação da história de Marx não podia ser deduzido de suas obras gerais, mas sim das obras que analisavam situações concretas, podendo-se observar as precauções reais então introduzidas (Fontana, 2004:322). Hobsbawm foi, de fato, um leitor atento de Gramsci, tomando-o como exemplo de um revolucionário marxista que soube combinar compreensão histórica e análise política contemporânea (Hobsbawm, 1996:129).

Outros temas importantes do marxismo também foram examinados pelo historiador, além de dirigir a coletânea *A História do Marxismo (1978-1982)*, publicou os artigos *Lênin e a “aristocracia operária”* em 1971 e *Teoria da Revolução em Karl Marx* em 1985. Assim, Hobsbawm considera o materialismo histórico “uma abordagem muito melhor da história porque está mais visivelmente atento do que as outras abordagens àquilo que os seres humanos podem fazer enquanto sujeitos e produtores da história, bem como àquilo que, enquanto objetos, não podem” (HOBSBAWM,1998:77). E a influência de Marx sobre a história teria sido tão profunda que teria tornado impensável uma reflexão sobre história sem sua referência: “não é possível nenhuma discussão séria da história que não se reporte a Marx ou, mais precisamente, que não parta de onde ele partiu. E isso significa, basicamente – como admite Gellner – uma concepção materialista da história” (HOBSBAWM,1998:43).

Ademais, para discernir a contribuição do marxismo para a história, o autor realizou um breve inventário da influência do que poderia ser chamado de *marxismo vulgar*, para enfim separá-lo do efetivo componente marxista na análise histórica. Isso porque, diz Hobsbawm, “o grosso do que consideramos como a influência marxista sobre a historiografia certamente foi marxista vulgar”

(HOBSBAWM,1998:161). Um tipo de marxismo que estaria abordando mecanicamente o impacto econômico, o modelo base-superestrutura e a questão da luta de classes, um problema decorrente da falta de discernimento entre as diferentes proposições marxianas sobre história e sociedade em geral.

Percebe-se, então, que a contestação do materialismo histórico marxista é que, em filigrana, motivou o conjunto das reflexões de Hobsbawm. Uma vez que a normatização do marxismo como método científico já estaria presente nos textos do próprio Marx, cabendo ao historiador demonstrar, então, a sua eficiência. Nessa medida, encontramos nos textos de Hobsbawm, sobretudo, a reavaliação das críticas que atribuem ao marxismo a tendência ao reducionismo econômico e até mesmo ao determinismo histórico. O *18 Brumário* e outras obras históricas de Marx servem, como vimos, de paliativo para as possíveis ambigüidades de suas obras gerais. Permitindo declarações sobre Marx como a seguinte: “minha própria opinião é de que em seus escritos efetivamente históricos ele é o oposto exato de um reducionista econômico” (HOBSBAWM, 1998:176).

No entanto, Hobsbawm admite que o método marxista exige uma provisória separação de componentes, mas justificável por se tratar de um método científico, pois “apesar da inseparabilidade essencial do econômico e do social na sociedade humana, a base analítica de uma investigação histórica da evolução das sociedades humanas deve ser o processo de produção social” (HOBSBAWM, 1998:85). Em texto de 1966, *O dialogo sobre o marxismo*, o historiador apostou nesse caráter científico do marxismo, destacando que

devemos aprender novamente a usar o marxismo como um método científico. E não temos feito. Temos feito, reiteradamente, duas coisas que são incompatíveis com qualquer método científico - e as temos feito não apenas desde fins do período stalinista, mas desde mais cedo. Primeiro, sabíamos as respostas e apenas as confirmávamos através da pesquisa; segundo, confundíamos a teoria e o debate político. Ambas as coisas são fatais (HOBSBAWM, 1982:124)

Esse artigo é importante na medida em que o autor se colocou no interior de um grupo de marxistas que cometeu uma série de equívocos em função de sua intenção política. Ademais, a confiança numa teoria pode ser plenamente alimentada, visto que, como observou Josep Fontana, “é bem sabido que, encaixada de maneira adequada em esquemas pré-fabricados, a realidade nunca desmente a teoria” (FONTANA, 2004:317). Apesar disso, Hobsbawm ainda é um adepto não só do materialismo histórico, mas também das esperanças do marxismo: “gostaria de prencunciar um tempo em que ninguém pergunte se os autores são marxistas ou não, porque os marxistas poderiam então estar satisfeitos com a transformação da história obtida com as idéias de Marx” (HOSBAWM,1998:184). Assim, a defesa do marxismo aparece, por essência, também como a defesa da história. Porque, de maneira geral, como observou Pierre Vilar, “tudo pensar historicamente, eis aí o marxismo” (VILAR, 1979:178).

E.P.Thompson: Pensando a cultura enquanto aporte também marxista.

Edward Thompson é considerado um dos fundadores de uma nova disciplina, os estudos culturais. Thompson também participou do projeto de educação de trabalhadores. Ex-membro do Partido Comunista, ajudou a formar o movimento da Nova Esquerda, preocupado em romper com o direcionamento político definido pelo partido, em Moscou. Esse rompimento teve implicações políticas que extrapolaram o campo ‘político’ (se é que se pode considerá-lo como específico) e, também teóricas, uma vez que questionou os rumos do pensamento marxista.

O impacto desse movimento para a historiografia foi grande, uma vez que dele participaram Eric Hobsbawm, Christopher Hill, Perry Anderson, entre outros. Dispostos a reescreverem a história britânica a partir de uma revisão crítica do marxismo presente até então, eles acabaram contribuindo para a revisão da disciplina História, de uma forma geral e, mais especificamente, contribuindo para os estudos de História Social. O engajamento de alguns deles nos programas de educação de trabalhadores teria influenciado, ainda, uma nova forma de interpretação da história, vista a partir dos “de baixo”. Tal influência ficaria visível a partir da publicação do artigo *The History from Below*, por E. Thompson, em 1966. Desde então, o conceito de história vista de baixo teria entrado na linguagem comum dos historiadores².

No prefácio da *Formação da classe operária inglesa*, Thompson apresentou sua preocupação com os de baixo:

Estou procurando resgatar o pobre descalço, o agricultor ultrapassado, o tecelão do tear manual ‘obsoleto’, o artesão ‘utopista’ e até os seguidores enganados de Joanna Southcott, da enorme condescendência da posteridade. Suas habilidades e tradições podem ter-se tornado moribundas. Sua hostilidade ao novo industrialismo pode ter-se tornado retrógrada. Seus ideais comunitários podem ter-se tornado fantasias. Suas conspirações insurrecionais podem ter-se tornado imprudentes. Mas eles viveram nesses períodos de extrema perturbação social, e nós, não. (THOMPSON, 1987:9)

Esse trecho nos ajuda a entender a preocupação do historiador inglês em reconstruir as experiências das pessoas comuns. Para isso, afirmou que era preciso compreender o passado à luz de sua própria experiência e de suas próprias reações a essa experiência.

Ao lançar a idéia de se recuperar a experiência das pessoas, Thompson estruturou sua contribuição aos estudos da cultura. No entanto, esta se faria em oposição às velhas concepções marxistas de cultura, sobretudo aquelas mais economicistas, que acreditavam na relação infraestrutura-determinante/ superestrutura determinada. No livro *A peculiaridade dos ingleses e outros artigos* Thompson questionou o emprego dessa ‘fórmula’, afirmando que:

mesmo Marx não se serviu dessa analogia de modo repetido, embora o tenha feito, uma vez, uma síntese sensivelmente importante de sua teoria, a qual se mostrou influente. Mas devemos nos

² Para mais informações a respeito disso ver BURKE, P. (org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

recordar que, em outras ocasiões, ele lançou mão de analogias bem diversas para o processo histórico.(THOMPSON, 2001:253)

Entre essas outras ocasiões, segundo o autor, estaria uma passagem dos *Grundrisse*, onde Marx teria enfatizado a simultaneidade da manifestação de relações produtivas particulares em todos os sistemas e áreas da vida social.

Resgatando Marx para criticar os marxistas, Thompson colocou em questão a idéia tradicionalmente usada por estes para descrever o modo de produção em termos econômicos, deixando de lado, como secundárias, as normas, os valores, enfim, a cultura, que também são conceitos decisivos sobre os quais, para ele, se organiza um modo de produção. Nesse sentido, Thompson fez uma crítica radical a estes marxistas:

a analogia ‘base e superestrutura’ é radicalmente inadequada. Não tem conserto. Está dotada de uma inerente tendência ao reducionismo ou ao determinismo econômico vulgar, classificando atividades e atributos humanos ao dispor alguns destes na superestrutura (lei, arte, religião, moralidade), outros na base (tecnologia, economia, as ciências aplicadas), e deixando outros ainda a flunar, desgraçadamente, no meio (lingüística, disciplina de trabalho). Nesse sentido, possui um pendor para aliar-se com o pensamento positivista e utilitarista, isto é, com posições centrais não do marxismo, mas da ideologia burguesa.(THOMPSON, 2001:256)

Além de criticar o reducionismo marxista, Thompson também atacou a concepção dos estruturalistas, sobretudo a de Louis Althusser que, com sua ênfase na autonomia relativa e na idéia de determinação em última instância, teria deixado os problemas do materialismo histórico e cultural sem solução.

Em que bases, então, Thompson teria se fundamentado para construir sua idéia da experiência?

A idéia de experiência estava presente já em *A formação da classe operária inglesa* onde, visando superar o pensamento base/superestrutura, o historiador centrou sua análise da consciência da classe operária, mais precisamente no processo de sua constituição, considerando a subjetividade, a relação entre as classes, a cultura, bem como os processos formativos e constitutivos da dita classe. Assim, considerou que a classe social se constituía numa formação econômica, mas também cultural. Nesse sentido, a experiência vivida pelos operários teria dado à classe uma dimensão histórica. Experiência seria, então, uma espécie de solução prática para que se pudesse analisar os comportamentos, os valores, as condutas, os costumes, enfim, a cultura. Ou melhor, as culturas, no sentido de que “cultura” se refere a uma realidade específica.

Thompson repensou a relação marxista tradicional expressa pela frase “o ser social determina a consciência social”, a partir da sua concepção de classe social. Ele afirmou que as classes sociais não eram uma “estrutura”, nem uma “categoria”, mas sim “algo que ocorre efetivamente nas relações humanas”; elas eram um fenômeno histórico e não estático, pois sua noção trazia consigo a noção de relação histórica. Não havia um “exemplar puro de classe”; ela não existia “para ter um interesse ou uma consciência ideal, nem para se estender como um paciente na mesa de operações de ajuste”. Mais ainda, nenhuma formação de classe na história poderia ser

considerada mais verdadeira que outra, já que ela se definia a si mesma em seu efetivo acontecer histórico; nenhum modelo conseguia proporcionar o que deveria ser a verdadeira formação de classe em uma determinada etapa do processo histórico; em suma, “a classe é definida pelos homens enquanto vivem sua própria história e, ao final, esta é sua única definição”.

Nesse sentido, para o autor, as classes acontecem, fazem-se, quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas) sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus”.

Se, por um lado, “a experiência de classe é determinada pelas relações de produção em que os homens nasceram ou entraram voluntariamente”, por outro lado, “a consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, idéias e formas institucionais” – a primeira é determinada. Assim, a formação das classes teria origem no cruzamento da determinação e da auto-atividade; ela seria um processo de fazer-se, embora sob condições que são dadas – um processo ativo, que se deve tanto à ação humana como aos condicionamentos: as classes fazem-se a si mesmas, tanto quanto são feitas. Não se deve, então, colocar classe e consciência de classe, bem como luta de classes como entidades separadas, uma vindo depois da outra, já que as três devem ser consideradas conjuntamente: as formações de classe e a consciência de classe se desenvolvem num processo inacabado de relação, de luta contra outras classes, no tempo.

A determinação seria feita, então, de forma direta sobre a experiência, e não sobre a consciência social. Esta, uma vez tratada pelo sistema de idéias, valores, instituições e tradições próprias de um determinado grupo social, daria uma nova experiência que, então, passaria a determinar, exercendo limites e pressões, a consciência social.

Em *A peculiaridade dos ingleses e outros artigos* o historiador retomou a questão da determinação e afirmou que ela,

‘em última instância’, pode abrir seu caminho igualmente tanto por formas culturais como por econômicas. O que muda, assim que o modo de produção e as relações produtivas mudam, é a experiência de homens e mulheres existentes. E essa experiência adquire feições classistas, na vida social e na consciência, no consenso, na resistência e nas escolhas de homens e mulheres. (THOMPSON, 2001:260)

Em seguida, o historiador apontou estas questões como difíceis e sugeriu que

as relações entre o ser social e a consciência social seguem agora: em qualquer sociedade cujas relações sociais foram delineadas em termos classistas, há uma organização cognitiva da vida correspondente ao modo de produção e às formações de classe historicamente transcorridas. Esse é o senso comum do poder ... Contudo, há um sem número de contextos em que homens e mulheres, ao se confrontarem com as necessidades de sua existência, formulam seus próprios valores e criam sua cultura própria, intrínsecos ao seu modo de vida. Nesses contextos, não se pode conceber o ser social à parte da consciência social e das normas. Não há sentido algum em atribuir o prevailecimento de um sobre outro. (THOMPSON, 2001:260)

A utilização dessas idéias por Thompson e o reconhecimento que ele fazia das contribuições dos folcloristas e da antropologia social para a história, sobretudo em sociedades em que predominava o costume, fez com que o historiador fosse criticado por alguns estudiosos marxistas como sendoculturalista. Diante desse desafio, Thompson teria respondido com *A miséria da teoria*, defendendo o materialismo histórico nos termos escritos na juventude de Marx, que eram textos mais humanistas e que possibilitavam a Thompson resgatar a questão da experiência.

Nos anos 1980, com os desafios impostos pela antropologia, pela lingüística e pelo pós-estruturalismo, Thompson sofreria a acusação de que carecia de teoria e fazia uma história social ultrapassada. Para responder a essa crítica, em *Costumes em comum* o historiador acusou os antropólogos de usarem o conceito de cultura popular acriticamente, de forma consensual. Nesse sentido, afirmou que é preciso contextualizar a cultura popular.

Thompson ainda teria enfrentado outras críticas, vindas tanto de feministas questionando a falta de preocupação do autor com a participação das mulheres na formação da classe operária inglesa, quanto de alguns pensadores que acusariam o conceito de experiência como totalizante e essencialista. Críticas à parte, Thompson permitiu a introdução de novos conceitos e preocupações no interior da história social.

Mas a idéia da experiência continuou a ser defendida pelo historiador, que assim concluiu seu texto “Folclore, antropologia e história social”, presente em *A peculiaridade dos ingleses e outros artigos*:

a transformação histórica acontece não por uma dada ‘base’ ter dado vida a uma ‘superestrutura’ correspondente, mas pelo fato de as alterações nas relações produtivas serem vivenciadas na vida social e cultural, de repercutirem nas idéias e valores humanos e de serem questionados nas ações, escolhas e crenças humanas.(THOMPSON, 2001:263)

Algumas considerações que julgamos pertinentes

O movimento da New Left, ao qual o E.P.Thompson pertencia, teria atuado mais na esfera da cultura, segundo Cevalco(2003). Ela afirma que, com ele, o marxismo se viu historicamente obrigado a explicar um mundo onde as alianças com os movimentos de massa ficavam mais complicadas. A cultura, neste contexto, deixou de ser uma esfera do espiritual, como se fosse separada da realidade social, para entrar no cotidiano das pessoas. Daí ser necessária repensá-la.

A idéia marxista comum de que “o ser social determina a consciência social” precisava ser revista, a fim de se acabar com o reducionismo de se dissociar cultura ou consciência social da idéia de ser social, como se fossem campos separados. Cevalco aponta que, a partir desse movimento, a cultura deixou de ser encarada como uma esfera separada da social e passou a ser designada como um processo central e uma arena de luta social e política.

Segundo a autora, a idéia de uma teoria e análise da cultura como um modo de luta foi de suma importância naquele contexto em que surgiram os estudos culturais, quando os meios de comunicação em massa cresciam e ampliavam o alcance de sua influência, sem que os estados ou os governos os controlassem. Além disso, neste contexto, tais meios de comunicação ainda foram essenciais para movimentar o funcionamento e a propagação dos sistemas políticos.

Nesse sentido, é importante lembrar que, mesmo o marxismo compondo a base das concepções de história tanto de E.P.Thompson quanto de Eric Hobsbawm, as divergências reveladas por esse paralelo não permitem uma simplificação que transcenda o fato concreto de que cada um dos historiadores apresenta sua abordagem sobre um suporte específico de interpretação do discurso.

Recuperar as idéias desses dois intelectuais é de vital importância para o pensamento político e suas conseqüentes ações nesta virada para o século XXI, frente, sobretudo, ao ‘modismo’ intelectual em voga nesse contexto denominado por alguns e aceito por muitos pensadores como ‘pós-moderno’.

Referências Bibliográficas

ANDERSON, P. **A crise da crise do marxismo**. São Paulo, Brasiliense, 1984.

BURKE, P. (org.). **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.

CEVASCO, Maria E. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo:Boitempo, 2003.

FONTANA, J. **A História dos Homens**. Bauru-SP, EDUSC, 2004.

HOBBSAWM, E. “**Introdução**”. In. MARX, K. *Formações Econômicas Pré-capitalistas*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.

_____. **Ecos da Marselhesa**. São Paulo, Cia das Letras, 1996

_____. **Mundos do Trabalho: Novos estudos sobre História Operária**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

_____. **Revolucionários: Ensaio Contemporâneos**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

_____. **Sobre História**. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **A miséria da teoria**. Rio de Janeiro:Zahar, 1981.

_____. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas: Ed. Unicamp, 2001.

_____. **Costumes em comum.** Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

VILAR, P. **História marxista, história em construção.** In: LE GOFF, J & NORA, P. (org.) História: Novos Problemas. Rio de Janeiro, F. Alves, 1979.